

Índice

História do Jovem com as Tartes de Nata	9
História do Médico e o Baú de Viagem	43
A Aventura do Cabriolé com Boleia na Retaguarda	73

História do Jovem
com as Tartes de Nata

Por ocasião da sua estada em Londres, o distinto Príncipe Florizel da Boémia granjeou o afeto de todas as classes graças à sedução dos seus modos e a uma generosidade judiciosa. Era um homem notável até pelo que se sabia dele, e isso não passava de uma pequena parte do que havia a saber. Pese embora o seu temperamento plácido em circunstâncias habituais, e por acostumado que estivesse a encarar o mundo com a filosofia de um lavrador, ao Príncipe da Boémia não desagradavam modos de vida mais aventureiros e excêntricos do que aqueles a que estava destinado por nascimento. De quando em vez, ao sentir-se soçobrar na melancolia, sem nenhuma peça risível em exibição nos teatros londrinos e indo o tempo desfavorável àqueles desportos ao ar livre em que excedia todos os adversários, convocava o seu confidente e Estribeiro-Mor, Coronel Geraldine, e instava-o a preparar-se para um devaneio noturno. O Estribeiro-Mor era um jovem oficial de índole destemida e mesmo temerária. Recebia a notícia com júbilo e corria a aprontar-se. A longa prática e um conhecimento variegado da vida haviam-lhe concedido uma facilidade singular no disfarce: conseguia adaptar não só o rosto e o porte, mas também a voz e quase os pensamentos àqueles de qualquer condição, carácter ou nação. Desta forma, desviava as atenções do Príncipe, e por vezes obtinha para ambos autorização de acesso a estranhas companhias. As autoridades civis nunca tomavam conhecimento destas aventuras — a coragem imperturbável de um e o engenho pronto e a devoção cortês de outro

haviam-nos orientado com sucesso pelos meandros de incontáveis lances perigosos, e a confiança de ambos foi aumentando com o passar do tempo.

Numa noite de março foram impelidos por uma saraivada súbita para um restaurante de ostras nas imediações de Leicester Square. O Coronel Geraldine ia disfarçado de indivíduo de poucos recursos do meio jornalístico; o Príncipe, como lhe era habitual, travestira a sua aparência com o acrescento de suíças falsas e duas grossas sobancelhas adesivas. Estas emprestavam-lhe um ar desganhado e curtido pelos elementos, o qual, para alguém com a sua urbanidade, constituía o mais impenetrável dos disfarces. Desta forma equipados, o chefe e respetivo satélite bebericavam a salvo o *brandy* com soda.

O estabelecimento estava repleto de clientes, tanto masculinos como femininos, mas, embora mais do que um destes se tenha prestado a entabular conversa com os nossos aventureiros, nenhum prometia revelar-se de interesse face a um conhecimento aprofundado. Ali presentes, avistavam-se apenas a ralé de Londres e a vulgaridade da indecência, e o Príncipe tinha já sido acometido de bocejos e começava a fatigar-se daquela incursão quando as portas de vaivém foram empurradas com violência e um jovem, com dois comissários no seu encalço, irrompeu na sala de refeições. Cada um dos comissários era portador de uma bandeja de tartes de nata coberta com uma campânula, que de imediato se retirou, e o jovem foi de cliente em cliente, impingindo a todos aqueles doces com uma cortesia exagerada. Uma vez, a oferta era aceite entre risos; outras vezes, era recusada com modos firmes, ou até rudes. Quando se dava este último caso, o recém-chegado comia ele próprio a tarte, fazendo um comentário mais ou menos jocoso.

Abeirou-se por fim do Príncipe Florizel.

— Cavalheiro — disse ele com uma vénia profunda, oferecendo ao mesmo tempo a tarte entre o polegar e o indicador —, daríeis esta honra extrema a um completo desconhecido? Posso responder pela qualidade do bolo, tendo eu próprio ingerido duas dúzias e mais três desde as cinco da tarde.

— Tenho por hábito — respondeu o Príncipe — olhar não tanto à natureza da oferta mas ao espírito com que esta é feita.

— O espírito, cavalheiro — retorquiu o jovem, com nova vénia —, é de zombaria.

— Zombaria? — repetiu Florizel. — E de quem vos propondes zombar?

— Não pretendo expor aqui a minha filosofia — replicou o outro —, mas tão-só distribuir estas tartes de nata. Se referir que eu próprio me incluo de boa mente no ridículo da transação, tenho esperança de que considereis a vossa honra satisfeita e condescendeis. Caso contrário, obrigar-me-eis a ingerir a minha vigésima oitava tarte, e admito que começo a cansar-me do exercício.

— Sensibilizastes-me — disse o Príncipe — e tenho toda a vontade do mundo de vos salvar desse dilema, mas com uma condição. Se o meu amigo e eu comermos os vossos bolos — pelos quais nenhum de nós sente a menor inclinação natural — esperaremos que vos junteis a nós para uma ceia, como forma de retribuição.

O jovem pareceu refletir.

— Tenho ainda várias dúzias em mãos — disse, por fim — e isso torna necessário que visite vários outros estabelecimentos antes de a minha grande empresa se dar por concluída. Demorará o seu tempo, e se tiverdes fome...

O Príncipe interrompeu-o com um gesto educado.

— O meu amigo e eu acompanhar-vos-emos — disse ele —, pois sentimos já sobejo interesse pelo vosso modo assaz agradável de passar a noite. E, agora que os preliminares da paz ficaram acordados, permiti que assine o tratado por ambos.

Dito isto, o Príncipe comeu a tarte com a maior graciosidade que se possa imaginar.

— Uma delícia — comentou.

— Vejo que sois um *connaisseur* — observou o jovem.

Também o Coronel Geraldine fez as honras à tarte. E, tendo já todos os presentes no restaurante ou aceitado ou recusado os seus doces, o jovem com as tartes de nata seguiu para outro estabelecimento de natureza similar. Os dois comissários, que pareciam acos-

tumados à absurda função, seguiram na sua pegada, e o Príncipe e o Coronel fecharam o cortejo, de braço dado, sorrindo um para o outro enquanto caminhavam. Foi obedecendo a esta ordem que o grupo visitou duas outras tabernas, onde se registaram cenas de natureza semelhante às já descritas — uns recusaram, outros aceitaram os favores desta hospitalidade nómada, e o jovem comeu todas as tartes rejeitadas.

À saída do terceiro estabelecimento, o jovem contabilizou as existências. Havia apenas nove tartes, três numa das bandejas e seis na outra.

— Cavalheiros — declarou ele, dirigindo-se aos seus novos seguidores —, não é meu desejo adiar a vossa ceia. Tenho a certeza absoluta de que tendes fome. Sinto que vos devo uma consideração especial. E, neste grande dia para mim, em que concluo uma carreira de insensatez com o meu ato mais conspicuamente idiota, pretendo conduzir-me com generosidade com todos os que acorrem em meu auxílio. Cavalheiros, não tendes de esperar mais. Embora a minha constituição esteja abalada pelos excessos anteriores, correndo risco de vida declaro nula a condição suspensiva.

A estas palavras, levou as restantes nove tartes à boca e engoliu cada uma num só movimento. Em seguida, virando-se para os comissários, entregou dois soberanos a cada um.

— Tenho de vos agradecer — disse ele — pela vossa extraordinária paciência.

E dispensou-os fazendo uma vénia a cada um. Durante uns segundos, olhou a bolsa de onde acabara de pagar aos assistentes e, depois, com uma gargalhada, lançou-a para o meio da rua e declarou-se pronto a cear.

Num pequeno restaurante francês do Soho, que gozara de uma reputação exagerada durante algum tempo mas começava já a cair no esquecimento, num reservado ao cimo de dois lanços de escadas, os três companheiros entregaram-se a uma ceia elegante e beberam três ou quatro garrafas de champanhe, conversando durante toda a refeição sobre assuntos indiferentes. O jovem era loquaz e alegre, mas ria mais alto do que é natural numa pessoa de educação

esmerada; as mãos tremiam-lhe com violência e a voz assumia inflexões repentinas e surpreendentes que pareciam não depender da sua vontade. A sobremesa já fora levada e tinham os três acendido os seus charutos, quando o Príncipe se dirigiu a ele nos seguintes termos:

— Perdoará, estou certo, a minha curiosidade. O que vi de si agradou-me sobremaneira, mas ainda mais me intrigou. E, apesar da minha relutância em parecer indiscreto, devo dizer-lhe que o meu amigo e eu somos pessoas muito dignas de lhes ser confiado um segredo. Nós próprios temos muitos, que revelamos com frequência a ouvidos incuriais. E, se, conforme suponho, a sua é uma história ridícula, não precisa de se armar de escrúpulo perante nós, que somos dois dos homens mais ridículos de Inglaterra. Chamo-me Godall, Theophilus Godall; o meu amigo é o Major Alfred Hammersmith — ou, pelo menos, é este o nome pelo qual escolheu ser conhecido. Passamos as nossas vidas exclusivamente em busca de aventuras extravagantes, e não há extravagância que não mereça a nossa compreensão.

— Gosto de si, Mr. Godall — replicou o jovem. — Inspira em mim uma confiança natural. E não tenho absolutamente nada a objectar ao seu amigo, o Major, que presumo ser um nobre mascarado. Pelo menos, estou certo de que não se trata de um soldado.

O Coronel sorriu àquele cumprimento dirigido à perfeição da sua arte, e o jovem prosseguiu, ainda mais animado.

— Há boas razões para não vos contar a minha história. Talvez seja precisamente por esta razão que vo-la vou contar. Pareceis tão desejosos de ouvir uma história ridícula que não tenho coragem para vos desapontar. O meu nome, malgrado o vosso exemplo, mantê-lo-ei em segredo. A minha idade não é essencial para a narrativa. Descendo dos meus antepassados por geração comum e deles herdei o domicílio humano não despiciendo que ainda ocupo, bem como uma fortuna de trezentas libras anuais. Suponho que também me terão legado um humor inconstante, cuja fruição tem sido a minha principal fonte de deleite. Tive uma educação primorosa. Sei tocar violino quase bem o suficiente para ganhar dinheiro numa orquestra de ope-

reta, mas falta o quase. O mesmo se aplica à flauta e à trompa francesa. Aprendi o bastante de *whist* para perder cerca de cem por ano nesse jogo científico. O meu conhecimento de francês bastou para que eu conseguisse esbanjar dinheiro em Paris praticamente com a mesma facilidade com que o faço em Londres. Em suma, sou uma pessoa cumulada de dotes viris. Passei por toda a sorte de aventuras, incluindo um duelo a propósito de nada. Há apenas dois meses conheci uma jovem perfeitamente talhada ao meu gosto no espírito e no corpo. Senti o coração derreter-se; vi que por fim encontrara o meu destino, e estava mesmo prestes a apaixonar-me. Mas quando fui ver o que me restava de capital, descobri que perfazia menos de quatrocentas libras! Pergunto-vos com franqueza: pode um homem que se respeite apaixonar-se tendo em sua posse quatrocentas libras? Certamente que não, concluí eu. Prescindi da presença da minha feiticeira e, acelerando ligeiramente o meu ritmo habitual de despesas, cheguei hoje às minhas últimas oitenta libras. Dividi-as em duas partes iguais: reservei quarenta para um fim particular; as restantes quarenta, decidi dissipá-las antes do cair da noite. Passei um dia deveras recreativo e desempenhei várias farsas além daquela das tartes de nata que me valeu o benefício de travar conhecimento convosco, pois estava apostado, como vos disse, em dar a uma carreira insensata uma ainda mais insensata conclusão. Quando me vistes atirar a bolsa para a rua, as quarenta libras tinham-se esgotado. Agora conheceis-me tão bem quanto eu me conheço: um louco, mas coerente na sua loucura; e, peço-vos que acrediteis, nem lamuriento nem cobarde.

Considerando todo o tom da declaração do jovem, era evidente que este acalentava os mais amargos e vis pensamentos acerca de si mesmo. Os ouvintes foram levados a imaginar que o caso amoroso relatado o afetara mais do que admitia, e que ele tinha um desígnio infausto para a sua própria vida. A farsa das tartes de nata começava a assumir ares de tragédia dissimulada.

— Ora, se não é bizarro — interpôs Geraldine, trocando um olhar rápido com o Príncipe Florizel — que três sujeitos se tenham conhecido por mera casualidade numa selva tão vasta como Londres e se encontrem quase na mesma situação?